

ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA EM PERSPECTIVA DIALÓGICA: VALORAÇÃO EM SEMIOSES VERBO-VISUAIS DE UMA REPORTAGEM

LINGUISTIC/SEMIOTIC ANALYSIS IN DIALOGICAL PERSPECTIVE: VALUATION IN
VISUAL-VERB SEMIOSES OF A NEWSPAPER ARTICLE

Samara Aparecida Bomfim¹

<https://orcid.org/0000-0001-7397-7347>

Adriana Delmira Mendes Polato²

<http://orcid.org/0000-0002-8764-4217>

Resumo:

No presente artigo, apresentamos uma reflexão em torno do desenvolvimento de uma proposta de prática de análise linguística/semiótica de perspectiva dialógica, direcionada à aplicação no Ensino Médio, no trabalho com um texto do gênero discursivo Reportagem de revista, que tematiza o silenciamento do estupro na sociedade brasileira. A considerar esse enunciado como unidade de análise e trabalho pedagógico, o foco de atenção e da reflexão teórico-prática desenvolvida são as semioses verbo-visuais ilustrativas que mobilizam valores e entonações de central importância à tematização discursiva da Reportagem. A proposta responde à orientação de princípios teórico-metodológicos do dialogismo do Círculo de Bakhtin, discutidos por pesquisadores brasileiros que assumem a perspectiva sociológica de trabalho com a linguagem. Os resultados demonstram como é possível, em prática de análise linguística/semiótica, a abordagem e a compreensão de axiologias subsidiadas por ideologias que sustentam relações sociais e práticas sociais representadas no enunciado, pela mediação de atividades epilinguísticas e metalinguísticas de viés dialógico.

Palavras-chave: Análise Linguística; valoração; semioses verbo-visuais de reportagem.

Abstract:

In this article, we present a discussion on the development of a proposed practice of linguistic/semiotic analysis from a dialogical perspective, to be applied in High School, working

¹ Universidade Estadual do Paraná, Programa de Iniciação Científica, Campo Mourão, Paraná, Brasil.

² Universidade Estadual do Paraná, professora adjunta do Colegiado de Letras e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Campo Mourão, Paraná, Brasil.

with a text of the discourse genre newspaper article that addresses the silencing of rape in Brazilian society. Considering this enunciate as a unit of analysis and pedagogical work, the focus of attention and of the theoretical and practical thought developed are the illustrative verb-visual semiosis that mobilize values and intonations of crucial importance to the discursive thematization of the newspaper article. The proposal follows the theoretical and methodological principles of Bakhtin's Circle dialogism, discussed by Brazilian researchers who take the sociological perspective of working with language. The results show how it is possible, in a pedagogical linguistic analysis practice, to approach and understand axiologies subsidized by ideologies that sustain social relations and social practices represented in the enunciation, through the mediation of epilinguistic and metalinguistic activities of dialogical nature.

Keywords: Linguistic Analysis; valuation, verbal-visual semioses of Newspaper Article.

INTRODUÇÃO

O surgimento da prática de análise linguística (doravante PAL) como alternativa pedagógica de reflexão sobre a língua em uso, logo na primeira metade dos anos 80, ancora-se na necessidade de reconfigurar o ensino de línguas, até então balizado e reduzido por abordagens tradicionais ou estruturais, de cunho gramatical normativo e descritivo (POLATO, 2017). A PAL não dispensa a abordagem gramatical (GERALDI, 2006[1984]), mas introduz a compreensão de que a análise dos recursos linguístico-textuais, enunciativos, discursivos mobilizados no enunciado ancoram-se em relações extralinguísticas.

Em 1998, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), a prática de análise linguística é ratificada como eixo de ensino. A partir disso, passa a ser objeto de investigação celebrado por diversas perspectivas teóricas e de trabalho com gêneros, por isso seu desenvolvimento se dá de forma bastante heterogênea na Linguística Aplicada do Brasil (POLATO, 2017).

Assim, neste trabalho, a considerar as proposições de Geraldi (2006 [1984], 2013 [1991]) e com ancoragem na perspectiva dialógica e sociológica de linguagem preconizada pelos autores do Círculo de Bakhtin, do mesmo modo reenunciada por pesquisadores brasileiros que assumem da perspectiva dialógica de trabalho com a linguagem (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2010, BRAIT; MELO, 2008, BRAIT; PISTORI, 2012, SOBRAL; GIACOMELLI, 2017; POLATO; MENEGASSI, 2017a, 2018, 2019, 2020), apresentamos o desenvolvimento de uma proposta de análise linguística de perspectiva dialógica (GERALDI, 1991; POLATO, 2017; POLATO; MENEGASSI, 2017; 2019a, b; 2020), que corrobora a compreensão de valorações e entonações, conceitos axiológicos presentes nos enunciados mobilizados em gêneros discursivos, os quais são apreendidos em convergência à vida socioideológica do discurso. A apresentação da proposta coaduna-se ao objetivo de discuti-la do ponto de vista teórico e metodológico.

Para desenvolvimento da proposta e da discussão, tomamos como *corpus* um texto do gênero Reportagem, intitulado “Como silenciemos o estupro?”, publicado no sítio da revista *Super Interessante*, com autoria assumida por Karin Hueck, no ano de 2015. O texto aborda a temática do silenciamento do estupro na sociedade brasileira. A escolha foi guiada pela atualidade da temática discursivizada e pela necessidade social de sua discussão em situação pedagógica. Em adição, a versatilidade do gênero Reportagem possibilita uma análise rica e o desenvolvimento de

uma prática que faz sentido a uma educação linguística que busca pela ampliação dos horizontes apreciativos e da consciência socioideológica de jovens brasileiros que frequentam o Ensino Médio.

A prática ancora-se nas valorações e nas entonações mobilizadas nas semioses verbo-visuais ilustrativas da Reportagem, a considerar sua importância à defesa do posicionamento axiológico autoral/institucional sobre o tema, a suscitar possíveis relações dialógicas com discursos que circulam no meio social e os quais são abordados no corpo do enunciado.

O trabalho está dividido em três seções. Na primeira delas, intitulada “Dialogismo e língua em uso”, arrolamos uma discussão baseada em alguns princípios orientadores da teoria dialógica pertinentes à compreensão da proposta e da análise, como concepção de língua, enunciado, gênero discursivo, tema e estilo, signo ideológico, valoração, entonação, extraverbal da enunciação, relações dialógicas e outros adjacentes.

Num segundo momento, lançamo-nos à compreensão histórica da constituição da proposta de prática de análise linguística, de sua ratificação em documentos norteadores do ensino e de sua perspectiva dialógica de abordagem na seção “Análise linguística: historicização do objeto e seu viés dialógico”. Por fim, no terceiro momento, apresentamos e discutimos uma prática de possível aplicação no Ensino Médio, que responde aos encaminhamentos teórico-metodológicos dessa perspectiva, na seção intitulada “Discussões a uma prática possível”.

A produção da proposta dialógica visa favorecer a compreensão da vida socioideológica do discurso pela apreensão lógica e dialógica das estruturas da língua e outras semioses que servem à materialização do discurso no enunciado. Conseqüentemente, as atividades epilinguísticas e metalinguísticas delineadas estão revestidas por uma interpretação teórico-metodológica dialógica de acordo com princípios norteadores do dialogismo do Círculo de Bakhtin e com as expansões propostas para essas atividades no campo da Linguística Aplicada do Brasil (POLATO; MENEGASSI, 2020, MENDES-POLATO, OHUSCHI; MENEGASSI, 2020).

DIALOGISMO E LÍNGUA EM USO

A palavra, como elemento fulcral nas práticas enunciativas, se configura como signo ideológico por excelência, significando em cada enunciado, não como referente do objeto abstrato, mas sim como uma gama de valorações ancoradas em partidas ideológicas inerentes à situação sócio-histórica, cultural e ideológica ampla e imediata de interação discursiva que constitui seus sentidos. Enquanto signo “[...] não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929-1930], p. 93). Assim, a palavra da língua viva é compreendida como discurso (BAKHTIN, 2008 [1963]), pois é ideologicamente preenchida e serve à vontade de dizer que orienta axiológica e ideologicamente a produção do enunciado e de seus sentidos.

Pode-se apresentar linguisticamente um mesmo enunciado, contudo, as suas significações serão sempre díspares se os contextos sócio-histórico-ideológicos fundantes da realidade que constitui língua, sujeitos e situação forem diferentes. É nesse sentido, que Brait (2008, p. 10)

defende “uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”.

A língua está em movimento em cada enunciação, porque “[...], por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único.” (BRAIT; MELO, 2008, p. 67-68). Os enunciados constituem-se em uma atmosfera axiológica, em que os juízos de valor ou valorações e as entonações mobilizadas encerram compartilhamentos entre autor e interlocutor sobre dada temática social discursivizada (VOLOCHINOV, 2013 [1926]).

Para que o discurso se constitua entre interlocutores, é necessário que os interlocutores envolvidos na interação estejam cientes de três fatores do extraverbal, discutidos em *Palavra na vida e palavra na poesia* (VOLÓCHINOV, 2013 [1926]): 1) o horizonte espacial comum entre os interlocutores (o espaço físico em que se encontram); 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e 3) sua avaliação comum. Tais fatores pressupõem que os interlocutores partilhem das valorações e das respectivas entonações representativas, em dada situação comunicativa, para que haja compreensão e resposta. A situação extraverbal, no entanto, não pode ser considerada como uma força externa que influencia na constituição dos sentidos do enunciado, mas sim como parte fundante e integrante deles (VOLÓCHINOV, 2013 [1926]).

Não existe discurso privado de avaliações. Nesse sentido, a entonação seria a forma mais evidente de manifestação das avaliações compartilhadas pelos interlocutores no enunciado. “A entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existentes entre falantes de uma dada situação” (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p. 174-175), ao passo que também desempenha um papel dinâmico nas mudanças das significações, de modo que todas as vezes que a palavra é recolocada de um contexto valorativo para outro ocorre sua reavaliação. Além disso, a entonação remete à relação socio-hierárquica que se estabelece entre os sujeitos participantes da interação e coprodutores de sentidos.

Qualquer enunciado concreto é constituído a partir de já ditos e da orientação à resposta antecipável àquele a quem se dirige, e reflete e refrata uma realidade objetiva manifestada na linguagem, visto servir a uma vontade de dizer que refuta ou reforça posicionamentos axiológicos e ideológicos manifestados em enunciados antecedentes (BAKHTIN, 1988 [1975]), assim como suscita repostas futuras.

Dessa forma, estabelecem-se relações dialógicas não apenas entre enunciados emergentes em contextos imediatos, mas, também, a partir de diálogos perdurativos sobre determinado tema, realizados em momentos diferentes da história de dada sociedade (BAKHTIN, 2003 [1979]). Os enunciados que se estabelecem como elos antecedentes e concomitantes na cadeia dos discursos que envolvem determinado tema participam da constituição dos sentidos, de modo que “as relações de sentido dentro de um enunciado “assumem índole dialógica” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 320). É por esse motivo que, mesmo havendo conclusibilidade interna, os enunciados são produtos fechados em si, visto não haver um limite que os cerceiam do ponto de vista das relações dialógicas que os entrecem (BAKHTIN, 2003 [1979]).

Cada enunciado, ainda, emerge e participa de um campo de atividade que permite sua aproximação ideológica com outros enunciados.

[...] os diferentes usos da linguagem (em suas diversas semioses, podemos acrescentar) efetuam-se na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinados campos de atividades. Esses campos, ou esferas sociais, não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, valorativas e de sentidos como, em adição, os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição dos enunciados (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2010, p. 149).

Como vimos com Acosta-Pereira e Rodrigues (2010), os campos são refratários de projeções ideológicas que se refletem na materialidade dos enunciados, a envolver a composição, o tema, o estilo, enfim, todos os elementos indissolúveis a partir dos quais os sentidos são produzidos.

Os enunciados não podem ser mobilizados à parte de formas típicas, os gêneros, que de acordo com Medviédév (2019 [1928]), abarcam uma orientação interna, isto é, seu caráter composicional, seu estilo verbal e seu tema; e uma orientação externa: “[...] as circunstâncias temporais, espaciais, ideológicas que orientam o discurso e o constituem” (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 383). Se tais orientações fossem analisadas separadamente, se perderia o caráter valorativo do todo, e prevaleceria o foco de uma abordagem centrada em aspectos cognitivos, estruturais, em vez de vislumbrarem a compreensão da atuação discursiva completa. Nesse sentido, Bakhtin (2003 [1979], p. 334) afirma que ‘os gêneros do discurso são modelos tipológicos de construção da totalidade discursiva’.

Em sua orientação interna, o conteúdo temático do gênero realiza a vontade de dizer do falante, à qual convergem suas próprias avaliações, sem desconsiderar a antecipação à resposta do autor. O gênero, assim, é um arcabouço valorativo sócio-histórico de importância, que encerra meios próprios de visão da realidade. Em qualquer enunciado mobilizado em gênero “o tema é um *complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto de formação*” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929-1930], p. 229, grifos do autor). O tema orienta a palavra para além da significação abstrata. Já o estilo, é um lugar pluridiscursivo e representativo de relações sociais, porque nele se mobilizam vozes sociais, já ditos (POLATO; MENEGASSI, 2017).

É por esse motivo que se perde ao se ensinar língua sem considerar aspectos valorativos, ideológicos, já que a palavra não representa uma significação estanque, mas se configura de forma a exaurir a noção de real da temática em dado domínio, para atingir dilemas e questões complexas e dinâmicas que se desdobram sócio-histórica, cultural e ideologicamente. Em uma perspectiva dialógica de ensino, os conhecimentos dos sujeitos alunos se fortalecem na medida em que reconhecem e utilizam conscientemente recursos linguísticos, textuais, enunciativos, discursivos disponíveis para potencializar, no limite, a compreensão e a produção valorada de discursos, o que pode se dar a partir da abordagem valorativa de aspectos manifestados na materialidade, seja ela visual ou verbal.

No caso da língua, as valorações podem ser analisadas à luz da relação estilo-gramática, que permite a análise de axiologias ou valorações e entonações mobilizadas no estilo verbal dos gêneros, ao que a prática de análise linguística de perspectiva dialógica serve. Conforme discute

Bakhtin (2003 [1979], 2013 [1940-1960]), toda escolha lexical ou gramatical é uma escolha de estilo e essas provocam diferentes efeitos de sentidos no discurso (GERALDI, 2013 [1991]). O autor de linguagem não utiliza ou escolhe uma estrutura morta da língua, mas sim uma estrutura sociovalorada, ou seja, dotada de entonações gramaticais e expressivas dos gêneros, dos ecos dos discursos dos outros (BAKHTIN, 2002 [1979]) as quais são representativas de avaliações compartilhadas entre interlocutores. Assim, qualquer análise linguística no enunciado responde à ordem metodológica para estudo da língua preconizada por Volóchinov (2018 [1929-1930], a qual prevê a análise das

1. formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
2. formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
3. [e] partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLOCHINOV, 2017 [1929/1930], p. 220).

A abarcar dimensões extralinguísticas e linguísticas do enunciado, a análise linguística de perspectiva dialógica propõe-se a facilitar a abordagem da língua/discurso em situação pedagógica.

PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA: A HISTORICIDADE DO OBJETO E SEU VIÉS DIALÓGICO

A proposta de prática de análise linguística (PAL) é apresentada por Geraldi no livro *O texto na sala de aula* (GERALDI, 2006 [1984]). Na sua orientação metodológica primeira, o autor afirma: “a análise linguística que se pretende partirá não do texto ‘bem escrito’, do bom autor selecionado pelo ‘fazedor de livros didáticos’. Ao contrário, o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno. Por isso, partirá do texto dele” (GERALDI, 2006 [1984], p. 73-74). Neste momento de proposição inicial, o autor sugere que a PAL se vincule ao processo de reescrita do texto do aluno para o desenvolvimento de sua autoria e para que o texto responda aos objetivos interacionais delineados. Assim, desfecha:

[...] A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: a coesão e a coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; [...] Essencialmente, a prática de análise linguística não poderá limitar-se à higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a ‘correções’. Trata-se de trabalhar com o aluno o seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina (GERALDI, 2006 [1984], p 74).

Geraldi (2006 [1984]) inicia a conceituação de PAL, sugerindo que o texto possui uma finalidade, um interlocutor, e que a gramática, para muito além de um instrumento normatizador, responde aos objetivos interacionais da língua em uso.

A gramática está inserida no trabalho de análise linguística, como admite Geraldi, mas de uma maneira ressignificada. Isso porque, na esteira da reconfiguração do ensino de língua materna, pujante entre os anos 80 e 90 na Linguística Aplicada do Brasil, muitos autores se dedicam a essa compreensão. Entre eles, está Franchi (1987), que em seu texto “Criatividade e gramática” apresenta à linguística aplicada as atividades linguísticas, metalinguísticas e epilinguísticas na abordagem de um ensino gramatical vinculado aos processos de compreensão e produção de textos. O autor prenuncia, desse modo, que o trabalho com a gramática não se restringe a “dar nomes”, mas serve ao desenvolvimento da consciência linguística do sujeito, para que reflita sobre os diferentes efeitos de sentido decorrentes da escolha gramatical, da mesma forma como Bakhtin (2013[1940-1960]) e Geraldi (2006[1984]) prenunciam.

Mais tarde, Geraldi, em seu livro *Portos de Passagem* (2013[1991]), tanto amplia o conceito de PAL em relação a sua proposta inicial em *O texto em sala de aula* (2006[1984]), quanto reapresenta, no interior da PAL, as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas como componentes de seu tripé pragmático (POLATO; MENEGASSI, 2019a, b). O autor assume uma abordagem dialógica para conceber o texto como ponto de partida e de chegada do ensino de língua, do mesmo modo como Bakhtin (2003 [1979]) defende esse mesmo estatuto para a abordagem do texto nas Ciências Humanas. Para Geraldi (2013[1991]), agora, o trabalho com a leitura constitui o processo de escrita. Assim, define que “[...] criadas as condições para as atividades interativas efetivas em sala de aula, quer pela produção de textos, quer pela leitura de textos, é no interior destas e a partir destas que a análise linguística se dá” (GERALDI, 2013[1991], p. 189). Nesse sentido, pela mediação da PAL, o aluno se torna coprodutor de sentidos tanto ao ler ou ouvir quanto ao se manifestar nas modalidades enunciativas escrita e oral, visto que para compreender o discurso do outro mobilizado no texto, assim como para produzi-lo, precisa refletir, interpretar e realizar estratégias de dizer mobilizadas na e a partir de compartilhamentos valorativos, que o autor nomeia como operações discursivas. Assim, o processo de ensino e aprendizagem passa a considerar e a se caracterizar, em grande parte, pelo trabalho de reflexão sobre a língua e a linguagem em uso a partir das atividades epilinguísticas.

Para Geraldi, as atividades epilinguísticas são aquelas que “refletem sobre a linguagem [...] toda a reflexão sobre as diferentes formas de dizer [...]” (GERALDI, 2013 [1991], p. 190). De natureza decorrente, as atividades metalinguísticas são entendidas pelo autor “[...] como uma reflexão analítica sobre os recursos expressivos, que levam à construção de noções com as quais se torna possível categorizar tais recursos” (GERALDI, 2013 [1991], p. 190-191). Assim, as atividades metalinguísticas possibilitam falar sobre a linguagem e sobre seu funcionamento, do mesmo modo que ajudam a compor o conhecimento teórico-científico do sujeito aluno a análises e usos futuros.

Geraldi (2013 [1991], p. 191) aponta que “para que as atividades metalinguísticas tenham alguma significância neste processo de reflexão que toma a língua como objeto, é preciso que as atividades epilinguísticas as tenham antecedido”, caso contrário, o que se fixa é a metalinguagem e não a prática da reflexão e, juntamente a isso “a sensação do aluno de que saber sua língua é saber utilizar-se da metalinguagem aprendida na escola para analisar esta língua” (GERALDI, 2013 [1991], p. 191), o que para ele não é produtivo e nem verdadeiro.

A visão de Geraldi (2006 [1984], 2013 [1991]) é ratificada nos documentos oficiais que norteiam o ensino de língua no Brasil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), portanto, estabelecem práticas discursivas para o ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental, por exemplo, a saber: prática de escuta e de leitura de textos, prática de produção de textos orais e escritos e a prática de análise linguística como inserida a essas. As práticas estão configuradas a partir do eixo uso-reflexão-uso, sendo a reflexão representada pela prática de análise linguística, considerando-se as situações de uso da língua.

Ao longo do documento, estabelecem-se os objetivos de formação linguística e, a partir da análise linguística, espera-se que o aluno “constitua um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento da linguagem e sobre o sistema linguístico relevantes para as práticas de escuta, leitura e produção de textos” (BRASIL, 1998, p. 52). Já na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), novamente ratifica-se a PAL como um dos eixos de ensino da disciplina de Língua Portuguesa. A diferença que se nota em relação ao documento anterior é que a prática de análise linguística ganha o adendo da semiótica, sendo, então, denominada análise linguística/semiótica. No documento, preconiza-se que tal eixo

[...] envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (BRASIL, 2017, p. 78).

Essa definição, apesar de ser abrangente, no sentido de mirar a formação de um sujeito-aluno atuante, consciente na produção de sentidos, se perde ao longo da BNCC (BRASIL, 2017), na medida em que não se evidenciam orientações teórico-metodológicas apropriadas para a formação inicial ou continuada de professores que convergem a esse objetivo. Em seu caráter prescritivo, o documento destaca em tabelas orientações para abordagem de conteúdos tradicionais, deixando a interpretação dessa orientação aberta aos pesquisadores e professores. Assim, prevalece na BNCC (BRASIL, 2017) o caráter prescritivo generalista que congrega vasta heterogeneidade teórico-metodológica. De todo modo, a BNCC ratifica à prática de análise linguística/semiótica a responsabilidade pela reflexão que envolve a compreensão dos efeitos de sentidos mobilizadas na materialidade linguística e, em adição, dos mobilizados em semioses visuais, multimodais. A abertura ao trabalho com as semioses visuais, multimodais não se dá a partir de orientação teórica determinada, o que nos dá liberdade de assumir o potencial teórico-metodológico da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin para a análise da materialidade verbo-visual a partir de um plano axiológico que as concebe como semioses.

Já em perspectiva dialógica, a prática de análise linguística tem partida das proposições iniciais de Geraldi (2006 [1984], 2013 [1991]) e verticaliza atenção ao plano valorativo, às axiologias mobilizadas na parte percebida do enunciado e que conferem vida ao discurso. Assim, Polato; Menegassi (2017, 2019a, b, 2020) Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020), passam defender a PAL como

abordagem pedagógica de aspectos linguístico-textuais, enunciativos, discursivos em materialidades textuais mobilizadas em gêneros discursivos, com mira à compreensão e à produção valorada de discursos éticos, a partir de uma abordagem valorativa da língua, que se efetiva na análise da relação indissociável estilo-gramática, materializada em enunciados concretos (BAKHTIN, 2003a [1979], 2013 [1940-1960]; POLATO; MENEGASSI, 2019b). Nessa perspectiva, as relações dialógicas integrantes da produção de sentidos são foco de discussão, para compreensão das relações sociais representadas nos textos (GERALDI, 2016). A língua é concebida a partir de um plano dialógico, e não somente lógico, como material trabalhado à constituição pluridiscursiva do estilo verbal empregado nos enunciados concretos (BAKHTIN, 1988a [1975]; 2003a [1979]; 2013[1940-1960]; POLATO; MENEGASSI, 2017a; 2020), o que demanda revestir o estudo do material linguístico/semiótico, em todos os seus níveis, de uma interpretação axiológica, que diz de valores sociais compartilhados nas mais diversas situações sócio- históricas, culturais e ideológicas amplas e imediatas de produção discursiva (MENDES-POLATO; OHUSCHI; MENEGASSI, 2020, p. 131).

Nos desenvolvimentos decorrentes, as compreensões teóricas sobre as atividades epilinguísticas e as atividades metalinguísticas são expandidas, também a partir de uma perspectiva dialógica (POLATO; MENEGASSI, 2020). Assim, a epilinguagem passa a focar a compreensão de aspectos valorativos apresentados no estilo verbal dos enunciados concretos. Essas reflexões empregadas na linguagem contribuem para que o aluno assuma uma posição social consciente e autoral, considerando a necessidade de compreender como se constroem vontades posicionadas de dizer a partir de operações valorativas que o autor de linguagem realiza para cumpri-las. Conforme retomam e sintetizam Mendes-Polato, Ohuschi e Menegassi (2020), a atividade epilinguística em perspectiva dialógica envolve reflexões sobre

[...] a mobilização de juízos de valor, apreciações, entoações, dialogicidade de vozes sociais, representações cronotópicas, configurações textuais, presentes na parte percebida do enunciado [...] sob arranjo autoral que se efetiva por meio de operações valorativas com e sobre a linguagem [...], realizadas para compartilhamento de um projeto temático de dizer axiologicamente posicionado. Assim, medeiam o diálogo entre a consciência socioideológica do aluno e as manifestadas no enunciado em estudo e em possíveis outros com os quais se estabelecem relações dialógicas [...] com vistas ao alargamento dessa mesma consciência para a emancipação humana (POLATO; OHUSCHI; MENEGASSI, 2020, p. 5).

As atividades metalinguísticas, em adição, referem-se ao caráter de apropriação de conhecimentos científicos a partir da reflexão. Assim, envolvem seu caráter descritivo, na medida em que objetivam a formação de um sujeito aluno capaz de refletir acerca do posto em quadros consolidados, ao passo que amplia a compreensão dos objetos eleitos ao estudo a partir da epilinguagem antecedente. De acordo com os pesquisadores, as atividades metalinguísticas “servem para, a partir da atividade epilinguística, da escolha feita, conceituá-la, com base em conhecimentos já delineados e com base no que se apresenta como novo ali naquela análise (POLATO; MENEGASSI, 2019b, p. 15), em dado plano enunciativo.

Diante das teorizações expostas, aqui esboçamos uma proposta de análise e de prática de análise linguística de perspectiva dialógica, com uma reportagem publicada na revista *Super Interessante*, cujo o tema trata do silenciamento do estupro na sociedade brasileira. A sugestão de prática aqui apresentada corresponde a um o recorte que foca a abordagem das valorações e entonações correspondentes e das relações dialógicas que se estabelecem entre as ilustrações, discursos que circulam no meio social e as partes do corpo da reportagem, a formar seu todo valorativo. Ao sugerimos atividades em prática, nosso objetivo não é impô-las como modelos fixos, mas justificá-las, discuti-las de ponto de vista teórico-metodológico dialógico.

UMA PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA POSSÍVEL COM O GÊNERO REPORTAGEM

Ao apresentar a proposta de trabalho aos alunos, em um primeiro momento, como forma de estabelecer as primeiras relações dialógicas entre o conteúdo temático discutivado na reportagem escolhida e os conhecimentos dos alunos, o professor apresenta o enunciado completo aos alunos, promove a sua leitura e depois destaca as imagens ilustrativas que o compõem, a reflexionar sobre as valorações mobilizadas.

O professor, ainda, pode introduzir reflexões iniciais sobre o gênero Reportagem. Ohuschi (2013) aponta que, no comparativo com a notícia, gênero muito mais rígido e impessoal, o gênero reportagem, ao contrário, é flexível em seu todo. A reportagem pode assumir diversas formas composicionais, incorporando imagens, vídeos, linguagem literária, narrativas, vozes sociais, outros gêneros, que corroboram a mobilização de valorações para cumprimento da vontade de dizer do autor/instituição. Enquanto o gênero notícia se ocupa por noticiar determinado fato de maneira aparentemente imparcial, o gênero reportagem se ocupa por reportar temas de forma abertamente mais posicionada axiologicamente. Para Lage (2005), a reportagem: “não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um *assunto* conforme ângulo preestabelecido” (LAGE, 2005, p. 46, grifos do autor).

A reportagem, portanto, é um gênero versátil, que possibilita o uso de diversos recursos valorativos para a construção do enunciado. Por esse motivo, é importante focar atenção à análise das valorações mobilizadas nas semioses verbo-visuais que compõem as ilustrações da Reportagem, visto serem retomadas no corpo do enunciado a partir de relações dialógicas diversas, de forma a compor a tematização discursiva do estupro e de seu silenciamento na sociedade brasileira. Destacam-se, portanto, as relações dialógicas que se estabelecem com outros enunciados, à medida que essas semioses apontam a valores comuns à vida dos discursos cotidianos, sendo, ao mesmo tempo, centrais para a problematização manifestada no enunciado.

Como se trata de uma prática de análise linguística ligada à leitura, as questões dessa natureza são marcadas com o código **L**. Já as atividades epilinguísticas, mais centradas em aspectos valorativos demarcados na materialidade, são marcadas com o código **E**. Assim, dispomos a primeira imagem de trabalho na Figura 1, a qual se apresenta como chamada de capa para a reportagem:

Figura 1 – Imagem ilustrativa que compõe a reportagem

Fonte: <https://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro>

A Figura 1 reporta a uma cena social em que uma mulher é apresentada com os olhos arregalados, os quais, valorativamente, representam-se num gesto e comportamento que convocam as entonações sociais de preocupação, medo, susto e impotência. De acordo com Volóchinov (2013[1926]),

[...] a metáfora entonacional tem parentesco latente com a metáfora gestual (a própria palavra era inicialmente um gesto linguístico, um componente de um complexo gesto que tomava o corpo todo), entendendo por gesto tanto a mímica como os gestos do rosto. O gesto, igual à entonação, necessita do apoio coral dos circundantes (VOLOCHINOV, 2013 [1926], p. 84).

Em um ambiente escuro, com fundo azul, que pode ser situacionalmente entendida como cor “da solidão, da reserva, [...] da dúvida, da descrença, da apatia, da introspecção, da depressão, da indolência” (BARROS, 2017, p. 87), a mulher é cercada por mãos caracteristicamente masculinas – grandes, cobertas de pelos, com os ossos mais visíveis - que tentam e conseguem segurá-la. Compreendemos, em perspectiva dialógica, que a cor ou qualquer outra semiose significa em sua situação discursiva e não a partir de significação dicionarizada fixa. Assim, a interpretação semiótica da cor se ancora nos usos sociais e especialmente na situação imediata do uso. A partir do que se representa na imagem, as seguintes questões podem ser dirigidas aos alunos, para diálogo inicial e para que compreendam as semioses visuais mobilizadas:

- 1) **L:** *Como é a expressão da mulher na imagem?*
- 2) **E:** *Quais valores a cor do fundo da imagem permite compartilhar?*
- 3) **L:** *De quem possivelmente são as mãos que tocam ou tentam tocar a mulher?*
- 4) **L:** *A mulher parece consentir e estar confortável diante das mãos que a tocam ou tentam tocar?*
- 5) **L:** *Ao que a imagem remete na vida social?*
- 6) **E:** *Que relação se estabelece entre a imagem e o tema tratado na reportagem, “o silenciamento do estupro”?*

O professor acolhe as vozes dos alunos nessa reflexão inicial. As questões medeiam que possam compreender valorações e entonações mobilizadas, ainda que de forma indireta.

Posteriormente mostra as imagens “2”, “3” e “4”, que compõem um trio na Figura 2. As valorações mobilizadas nas imagens representam justificativas sociais comumente utilizadas contra a mulher, em uma tentativa de justificar o comportamento do estupro, minimizando-o, ou melhor, justificando-o e silenciando-o como o ato de violência praticado pelos homens na sociedade brasileira, que, per si, se constitui à sombra histórica dos valores subsidiários do machismo. O objetivo de trabalho com essas semioses verbo-visuais, assim, é levar os alunos a refletirem acerca desses valores que constituem o discurso que justifica e silencia o estupro.

Figura 2 – Imagens que compõem o tema da reportagem “Como silenciamos o estupro?”



Imagem 2

Imagem 3

Imagem 4

Fonte: <https://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro/>

A compor todas as semioses, aparecem certos dizeres que remetem a um discurso social crivado de avaliações que determinam o comportamento da mulher e seu papel social. Na imagem dois (2), componente da Figura 2, ilustra-se como as mulheres são caracterizadas ou julgadas de acordo com o comprimento das roupas que vestem. No caso da imagem, a roupa em questão, é uma saia ou um vestido, mas é possível estabelecer relações dialógicas com as valorações que se aplicam a outras vestimentas femininas, como o *shorts*. Os adjetivos e locuções adjetivas “recatada”, “assanhada”, “sem graça”, “moça de família” (este último adjunto adnominal restritivo em nível sintático), convocam entonações expressivas pejorativas, que correspondem à sustentação de julgamentos de valor que relacionam a conduta social da mulher ao modo de se vestir. Se a mulher usa roupas curtas é descredenciada como respeitável, o que, para muitos, justifica socialmente o estupro.

O que a imagem dois (2) sugere é o compartilhamento dos valores: a) se a mulher estiver usando uma roupa que mostre mais o seu corpo, então ela “está pedindo”, merece e pode ser estuprada; b) se estiver usando roupas que cobrem seu corpo, então, ela é sem graça, passa despercebida. Trata-se de um discurso machista de culpabilização, objetificação e condicionamento do comportamento feminino. O que a imagem discursiviza estabelece relações dialógicas com o posto no texto verbal da reportagem, no seguinte excerto: “Foi o que aconteceu com a menina Maria, por exemplo, estuprada pelo avô aos 14 anos. Quando ela resolveu pedir ajuda à avó, ouviu que a culpa havia sido dela. ‘*Você saiu do banho de toalha na frente do seu*

avô, que não sabe controlar os instintos” (HUECK, 2015, grifos nossos). Aqui se manifesta o discurso que legitima comportamentos instintivos masculinos sobressaindo-se aos éticos. Para Bakhtin (2003, p. 331), dois enunciados que nada sabem um do outro, “no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos uma convergência de sentido”. Assim, na voz da avó da menina, permeia o mesmo juízo de valor machista que relaciona o modo de se vestir ou de expor o corpo como justificativa à violência sexual e à culpabilização da vítima, como se destaca no excerto grifado. O tom da avó é acusativo. Ela se dirige acusativa à neta com o pronome “você” e logo em seguida descreve seu ato, ao passo que banaliza, naturaliza e justifica o comportamento do avô que a violentou, a afirmar que a estuprou porque foi provocado e, naturalmente, não pode se controlar.

Na imagem três (3), componente da Figura 2, que segue a mesma composição da anterior, são expostas as valorações sociais “não se cuidou”, “ficou divertida”, “bebeu pouco” como forma de ilustrar julgamentos contra as mulheres de acordo com a quantidade de bebida ingerida por elas. São remissões aos discursos proibitivos de bebidas às mulheres. Essas valorações são retomadas no corpo da Reportagem que problematiza perguntas geralmente dirigidas por pessoas e autoridades policiais e jurídicas às mulheres violentadas, entre as quais estão as que também questionam o uso de roupas e a quantidade de bebida ingerida: “Pessoas perguntam que roupa ela vestia, onde ela estava, que horas eram, *se estava bêbada*, se já não havia ficado com o estuprador alguma vez, se deu a entender que queria fazer sexo e até se já teve muitos namorados antes” (HUECK, 2015, grifos nossos). Aqui vemos que à mulher que bebe é atribuída a culpa pelo estupro que por ventura venha sofrer e que isso se naturaliza inclusive nas investigações, como suposta justificativa para culpabilização da vítima.

O último dos questionamentos é complementado com a ilustração na imagem quatro (4), disposta na Figura 2: uma mulher com uma série de nomes tatuados em seu braço, os quais sugerem a composição de uma métrica para o nivelamento de avaliações vinculadas ao número de parceiros que teve. Assim, é demonstrado que quanto mais parceiros uma mulher tem mais ela é avaliada como “vagabunda” na sociedade e quanto menos parceiros, mais ela é avaliada como pura, “virgem”, signos estes vinculados a discursos que vinculam o comportamento feminino a dualidades como a santidade ou a promiscuidade.

Essas imagens, então, constituem discursos que mobilizam vozes que silenciam o estupro, de forma a evidenciar a vítima como culpada pelos atos de violência sexual que ocorrem em uma sociedade em que prevalece um discurso social machista, que compreende que o homem tem poder sobre o corpo da mulher, o que leva a se problematizar a mulher e seu comportamento, em si, e não o ato violento do estuprador. A vida da mulher subjugava-se à lógica do comportamento masculino e não de sua liberdade de ser e existir. São constructos sócio-históricos, culturais e ideológicos que se manifestam por meio da linguagem e que dizem das relações sociais, a conferir vida ao discurso. Estes precisam ser discutidos nas aulas de língua. Por isso, depois de apresentar tais imagens aos alunos, o professor lança perguntas de leitura e perguntas epilinguísticas motivadoras, como forma de estabelecer um diálogo com toda a turma e como forma de discutir o tema a partir da compreensão das valorações e entonações mobilizadas:

- 7) **E:** *Você já ouviu ou leu algum dos dizeres vinculados às imagens 2, 3 e 4? Se sim, em que situação?*
- 8) **E:** *Qual é a relação entre a linguagem verbal e não verbal nessas figuras?*
- 9) *Faça a leitura das imagens anteriores e responda:*
- a. **L:** *O que a imagem dois (2), componente da Figura 2, tematiza?*
- b. **E:** *O que representa, socialmente, para uma mulher, os dizeres “recatada, assanhada, tava pedindo”?*
- c. **E:** *De quem podem ser as vozes e julgamentos sociais que se apresentam na semiose 2?*
- d. **E:** *Quais são as possíveis entonações mobilizadas por aqueles que as proferem?*
- e. **L:** *O que a imagem três (3), componente da Figura 2, tematiza?*
- f. **E:** *De quem podem ser as vozes e julgamentos sociais que se apresentam na semiose verbo-visual 3?*
- g. **E:** *Quais são as possíveis entonações mobilizadas por aqueles que as proferem dizeres como “bebeu pouco, ficou divertida, não se cuidou”?*
- h. **L:** *O que a imagem quatro (4), componente da Figura 2, tematiza?*
- i. **E:** *Por que nomes de homens seguidos de adjetivos aparecem tatuados em métrica no braço feminino? O que isso representa do ponto de vista social?*
- j. **E:** *De quem podem ser as vozes e julgamentos que se apresentam na imagem 4?*
- k. **E:** *Quais são as possíveis entonações mobilizadas por aqueles que as proferem?*
- l. **E:** *O texto que lemos hoje tem o título “Como silenciemos o estupro”. Qual é a relação que esse título tem com as imagens que analisamos?*
- m. **E:** *Localize no texto da reportagem trechos que problematizam o que cada imagem sugere.*

Depois do estabelecimento das relações dialógicas pela discussão, levantamento e compreensão social da temática pelos alunos, sugere-se abordar a retomada dessas valorações no interior do corpo da reportagem em momento posterior.

Antes, com o intuito de contextualizar a situação imediata de produção da reportagem e novamente abordar relações dialógicas com outros textos, o professor prossegue a expandir o horizonte apreciativo dos alunos, e, logo, a sua consciência socioideológica sobre o tema. Assim apresenta informações seguras sobre o tema com ajuda de outros textos:

A reportagem “Como silenciemos o estupro” foi publicada em 17 de setembro de 2015, ano em

O país registrou [...] 45.460 casos de estupro, sendo 24% deles nas capitais e no Distrito Federal. Apesar de o número representar uma retração de 4.978 casos em relação ao ano anterior, com queda de 9,9%, o FBSP mostrou que não é possível afirmar que realmente houve redução do número de estupros no Brasil, já que a subnotificação desse tipo de crime é extremamente alta. ‘O crime de estupro é aquele que apresenta a maior taxa de subnotificação no mundo, então é difícil avaliar se houve de fato uma redução da incidência desse crime no país’, disse a diretora executiva do Fórum, Samira Bueno (BOEHM, 2016, s/p).

Discussões sobre as informações e suas relações com o conteúdo da reportagem são estabelecidas por meio de diálogos. Posteriormente, relações dialógicas com outros enunciados podem ser suscitadas, para que o aluno compreenda que a discussão do tema é veemente nas mídias

e que o enunciado é apenas um elo na cadeia dos discursos. Questões como as que seguem são apresentadas:

10) **E:** *Leia o trecho da notícia a seguir e responda à pergunta que o segue:*

Saído do BBB esta semana em uma votação histórica e polarizada, o arquiteto paulista Felipe Prior agora terá uma questão séria a resolver com a Justiça. De acordo com uma reportagem da revista Marie Claire, duas mulheres o denunciaram por estupro. Uma terceira, por tentativa de estupro. Os crimes teriam ocorrido entre 2014 e 2018.” (BATISTA JR., 2020, s/p)³.

a) *Como essas informações dadas na notícia se relacionam com a reportagem?*

11) **L:** *Diante de um excerto de notícia como o lido, você considera a reportagem “Como silenciamos o estupro” atual e importante? Explique.*

No caso da questão dez, contextualiza-se a temática na atualidade. Já na questão onze, estabelece-se relação entre o que é problematizado na reportagem e o que se relata em uma recente notícia, a demonstrar aos alunos que o tema é bastante vivo na sociedade e que precisa ser debatido.

No terceiro momento da proposta de atividade, o professor introduz outros elementos componentes da situação de interação que reportagem encerra. Assim, instiga discussões sobre o público leitor, o autor, o suporte e a finalidade discursiva, dentre outros. Para tanto, caso tenha os recursos tecnológicos disponíveis, pode projetar para os alunos o sítio em que a reportagem se encontra disposta ou detalhar como a página se organiza para, então, guiar os questionamentos.

12) **L:** *Quem são os possíveis leitores dessa reportagem?*

13) **L:** *Qual é o posicionamento discursivo que a autora dessa reportagem e que a revista Superinteressante assumem sobre o tema?*

14) **L:** *Qual a finalidade dessa reportagem?*

15) **E:** *Essa reportagem foi publicada no site da revista Super Interessante. Se ela tivesse sido publicada em uma rede social, como o Facebook, por exemplo, você acha que mudaria alguma coisa? Explique.*

A partir desses questionamentos, o professor inicia, juntamente com os alunos, a construção características que compõem o conceito do que seria uma reportagem, explicando que esse gênero carrega uma linguagem mais livre e narrativa, podendo até ser permeado de aspectos da escrita literária para “[...] abordar a realidade de forma mais humana e reveladora.” (OHUSCHI, 2013, p. 91). Assim, junto com os alunos discute como essas características se mostram na reportagem “Como silenciamos o estupro”, de forma a evidenciar o caráter de relato jornalístico nos primeiros parágrafos do texto, construído com uma narrativa real que mostra a história de uma menina adolescente que foi obrigada a se casar com o próprio estuprador. A configuração textual

³ <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/bastidores-denuncia-estupro-prior/>

escolhida traz efeitos valorativos de sensibilização, que geram certa empatia por parte do leitor, pois o convida a entrar na vida da personagem social, e a perceber o abuso e a injustiça sofridos. Por isso Bakhtin (1988 [1975]) defende a escolha da forma como um recurso para a manifestação do posicionamento axiológico autoral. Nesse sentido, a atividade epilinguística pode estar preocupada com a configuração textual, como uma operação valorativa, como se concretiza na questão lançada:

16) *E: Que efeito valorativo tem o fato de a reportagem se iniciar com uma narrativa comum, apresentando ao leitor o caso de Luci, menina adolescente que foi estuprada e obrigada a se casar com o estuprador aos 13 anos?*

Em seguida, o professor retoma os excertos da reportagem que se relacionam especificamente com suas semioses ilustrativas, com perguntas epilinguísticas como:

17) *E: De quem é a voz “Você saiu do banho de toalha na frente do seu avô, que não sabe controlar os instintos”?*

18) *E: Qual é a possível entonação empregada por quem a enunciou?*

19) *L: Há, nessa voz, uma justificativa machista ao estupro?*

20) *E: No trecho “Pessoas perguntam que roupa ela vestia, onde ela estava, que horas eram, se estava bêbada, se já não havia ficado com o estuprador alguma vez, se deu a entender que queria fazer sexo e até se já teve muitos namorados antes”, quais são os valores utilizados para justificar o estupro e o que eles têm a ver com a determinação do comportamento da mulher na sociedade e com as semioses ilustrativas da Reportagem?*

Desse modo, não necessita, especificamente, discutir aspectos estruturais da reportagem, sem que se leve em consideração o seu potencial de servir ao projeto axiológico de dizer. Juntos, professor e alunos podem listar características da reportagem como as já levantas, a partir de observações e análises feitas com base no enunciado em estudo.

Para finalizar a proposta didática, o professor encaminha as atividades metalinguísticas a partir dos recursos estudados nas semioses verbo-visuais que ilustram a reportagem, podendo guiar essas atividades tanto em nível morfológico, quanto em nível sintático, a depender dos objetivos elencados para o plano de aula. Dessa forma, é possível trabalhar em nível morfológico a utilização dos adjetivos “assanhada”, “virgem” e “recatada”, por exemplo, ou a locução adjetiva “sem graça” e a importância que têm para discursivização da temática do estupro na sociedade brasileira. Assim, o professor: a) explica o que é um adjetivo e o que é uma locução adjetiva; b) explica a importância que um adjetivo ou uma locução adjetiva podem ter num texto ao caracterizar algo ou alguém de forma negativa, positiva, ao servir a expressar uma valoração social; c) apresenta a possibilidade de os adjetivos sofrerem variações de gênero, número e grau e do mesmo modo explica o funcionamento das locuções adjetivas; d) volta ao texto e retoma os adjetivos e a locução adjetiva de acordo com o seu funcionamento e seu valor social; e) apresenta possibilidades de entonação para os adjetivos e locuções adjetivas e as diferentes valorações que essas entonações representam; e, por último, f) constrói, juntamente com os alunos, uma conceituação do que é um

adjetivo e do que é uma locução adjetiva, a complementar a compreensão a partir dos efeitos dados no enunciado estudado.

É possível, ainda, eleger um trabalho em nível sintático com o adjunto adnominal. A tomar como exemplo “moça de família”, define-se o adjunto adnominal restritivo como “o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 145). Explica-se, ainda, que o adjunto adnominal tem distintas formas de expressão em língua portuguesa, podendo se manifestar na forma de: a) Adjetivos: Usava roupas *curtas*; b) Locução ou sintagma adjetivo: Moça de família.

Com ancoragem no funcionamento enunciativo da estrutura estudada e na gramática, estabelece-se uma compreensão teórico-científica inicial, acrescida de uma compreensão expansiva dos fenômenos estudados a partir da atividade epilinguística sobre os efeitos valorativos analisados na Reportagem. Assim, professor e alunos podem construir conceitos expansivos aos da gramática, como no exemplo: No enunciado, “moça de família” é uma expressão usada para compartilhar o valor social de que moças de família são recatadas e que não usam roupas curtas. Tal valor se estabelece socialmente como uma forma de controlar e avaliar o comportamento feminino quanto à forma de se vestir.

É sempre importante que ao final de uma proposta de leitura e de análise linguística amplas, no sentido de que consideram as relações dialógicas com outros enunciados, se solicite a resposta ativa do sujeito aluno, para que se manifeste a partir de uma proposta de produção textual oral ou escrita, com processos de revisão e reescrita e organização concomitantes ou posteriores. A produção textual é um momento oportuno para o que o estudante manifeste a sua resposta ativa, responsável e ética quanto ao tema social discutido. Nesse caso, um comando possível para desencadear a resposta ativa do aluno seria:

Como aluno de Ensino Médio, com base em tudo o que discutimos a partir da leitura da reportagem, e com base nas valorações mobilizadas nas semioses verbo-visuais que analisamos, produza um texto do gênero resposta argumentativa para a seguinte pergunta: A mulher merece ser culpada pelo estupro?

Assim, a prática de análise linguística coloca em foco a análise de aspectos valorativos da constituição do discurso, a corroborar a expansão dos horizontes apreciativos dos sujeitos alunos, a formação e a emancipação humana pela reflexão e pelo diálogo, que os leva a compreender como os discursos se constroem sob as tensões ideológicas que permeiam as relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, assumimos a orientação teórico-metodológica dialógica e propomo-nos a discutir uma possível prática de análise linguística/semiótica na leitura, que explora as axiologias sociais – valorações e entonações mobilizadas na parte percebida do enunciado, com especial atenção à análise de relações dialógicas mobilizadas em semioses verbo-visuais ilustrativas de reportagens.

Com base em uma proposta PAL que responde a uma perspectiva dialógica de abordagem, aventamos expandir os horizontes apreciativos e a consciência socioideológica dos alunos de Ensino Médio sobre o tema em pauta no enunciado de trabalho. A partir das atividades epilinguísticas e metalinguísticas de viés dialógico, priorizamos a formação de um sujeito que compreende as relações sociais representadas nos enunciados e que aprende a língua com sua gramática, de modo que processos reflexivos e cognitivos componham sua formação crítica, responsiva e ética.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Revista Letras**, 20(40), p. 147–162, jan./jun. 2010. Doi: 0.5902/2176148512149. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12149>> Acesso em: 15 jun. 2020.
- BATISTA JR., J. **Um tuíte e três BOs**: o bastidor da denúncia de estupro contra Felipe Prior. [S. l.], 3 abr. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/bastidores-denuncia-estupro-prior/>. Acesso em: jun. 2020
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Ed. da UNESP, 1988 [1975].
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Forense-Universitária, 2008 [1963].
- BAKHTIN, M. **Questões de Estilística no Ensino de Língua**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013 [1940-1960].
- BARROS, D. L. P. Cor e sentido. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (Orgs). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2017, p. 81-108
- BOEHM, C. **Brasil registrou em 2015 mais de cinco estupros por hora, mostra anuário**. [S. l.], 3 nov. 2016. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/brasil-registrou-em-2015-cinco-estupros-por-hora-mostra-anuario>. Acesso em: jun. 2020
- BRAIT, B; MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin** – conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos- chave. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-32.
- BRAIT, B.; PISTORI, M.H.C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, v. 56, n.2, p. 371-401, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. V. 9, p. 5-45, 1987. Disponível em: <[Disphttp://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/3748](http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/tla/article/view/3748)>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GERALDI, J. W. (Org). **O texto na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2006[1984].

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013 [1991].

HUECK, K. Como silenciamos o estupro. [S. l.], 17 set. 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro/>. Acesso em: 2019.

LAGE, N. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elzevier Editora Ltda, 2005.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**. São Paulo: Contexto, 2019.

MENDES-POLATO, A. D. M.; OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R. J. Análise linguística em Charge: sequência de atividades dialógicas. **Línguas & Letras**, V. 21, n. 49. P. 127-154, 2020. Doi: 10.5935/1981-4755.20200007. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/24631/pdf>. Acesso em: 15 Dez. 2020.

OHUSCHI, M. C. G. **Ressignificação de saberes na formação continuada**: a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem. 2013. 301 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

POLATO, A. D. M. Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico. 2017. **Tese** (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, p. 123-143, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27809/22670>. Acesso em: 15 jul. 2020.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. A epistemologia dialógica da análise linguística. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 3742-3757, ago. 2019a. doi: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n2p3742>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n2p3742>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v.41, n.2, p. 1-

12, 2019b. Doi:<https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i2.44773>. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/44773>> Acesso em: 19 jul. 2020.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, V. 29, n.2, p. 1059-1098, 2020. Doi: 10.17851/2237-2083.28.3.1059-1098. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/15590>. Acesso em: 01 Nov. 2020.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018[1929-1930]).

VOLÓCHINOV, V. Palavra na vida e palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1926], p.71-100.

VOLÓCHINOV, V. A construção da enunciação. Introdução ao problema da poética sociológica. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: _____. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930], p.157-188.